

O Instinto da Linguagem
(Um Best-seller na Neurociência)

Jorge Campos

Na década de 50, em Cambridge - no MIT e em Harvard - as investigações científicas com os primeiros computadores e o desenvolvimento da lógica e da matemática no contexto da psicologia e da lingüística, abriram caminho para a pesquisa interdisciplinar das hoje denominadas ciências cognitivas. De lá para cá, um roteiro sofisticado de teorias e experiências sobre as complexas relações entre cérebro-mente e linguagem resultaram numa explosão de centros de pesquisa na área cognitiva, a congregar esforços de lingüistas, psicólogos, informatas, matemáticos, filósofos e, até, antropólogos, no âmbito das grandes universidades americanas. O modelo behaviorista de Skinner, padrão de ciência psicológica, na década de 50, demolido pelos argumentos de Chomsky, Miller e outros, era, praticamente, soterrado por uma avalanche de resultados expressivos na nova perspectiva de relações cognitivas. Mas toda essa microcós mica revolução permaneceu, ao longo desses 40 anos, praticamente restrita ao ambiente universitário, especialmente americano, e, com poucas exceções, europeu. Agora, nos anos 90, as conseqüências de toda essa aventura científica começam a repercutir sob a forma de resultados mais conclusivos. Capazes de atrair o interesse do grande público e pessoas cultas em geral. Uma das provas disso é o *best-seller* do ano passado "*The Language Instinct*", de Steve Pinker, professor e diretor do poderoso Centro de Neurociência Cognitiva do Instituto Tecnológico de Massachusetts.

Pinker, cuja pesquisa sobre aspectos cognitivos da visão e da linguagem já havia merecido distinções acadêmicas da Associação Americana de Psicologia e da Academia Nacional de Ciências, passa, agora, a ter, também, o reconhecimento do grande público culto americano, que começa a aceitar, com curiosidade, a investigação da linguagem, enquanto faculdade natural da cognição humana.

"*The Language Instinct*" é uma obra de quase 500 páginas, extremamente bem escrita, fortemente documentada, com argumentação consistente, e absolutamente bem definida pelo propósito de entrar no conjunto das produções conhecidas como ciência popular. Como o próprio Pinker a caracteriza, "*The Language Instinct*" procura ser interessante para um amplo espectro de leitores, entre os quais estão os estudantes, professores, pessoas cultas em geral, e, inclusive, especialistas, para os quais a obra dedica um número expressivo de informações atualizadas sobre a ciência da linguagem.

Descobertas legítimas (ou até não-descobertas), hipóteses interessantes, propostas teóricas, tudo o que tem assumido relevância recente sobre o assunto é contemplado por Pinker. Estruturas profundas universais, gens da gramática natural, redes neuronais, linguagem de chimpanzés, crianças-animais, sábios-idiotas, inteligência artificial, danos do cérebro e origem das línguas são alguns dos polêmicos temas abordados por "*The Language Instinct*", que interessam aos leitores da ciência popular.

Mas, subjacente a todo esse mosaico de tópicos mais fortes e curiosos, Pinker, certamente, desenvolve algumas bem conhecidas teses que sustentam o programa de investigação neurocientífica do MIT há muitos anos. A principal delas é a tese consagrada por Chomsky de que a linguagem humana é um órgão mental, um sistema neuronal, um módulo computacional do cérebro,

ou, em última análise, como Pinker prefere caracterizá-la, um instinto.

Se na década de 50, a vítima das teses do MIT foi o behaviorismo skinneriano, o alvo, agora, é a obscura e frouxa, mas popular, concepção de linguagem enquanto fenômeno social. O chamado Modelo Padrão de Ciências Sociais (MPCS) é, de fato, um dos sustentáculos da cultura do século XX e atacá-lo significa romper com toda uma tradição para a qual a linguagem é uma construção da cultura e da sociedade humana, cujo produto, as línguas particulares, são códigos sociais compartilhados por uma certa comunidade. Na linha do pensamento de Pinker, ninguém nega exatamente o caráter cultural, social e simbólico, em última análise, de uma língua. O que se nega é que esse obscuro produto geo-político, cheio de idiossincrasia e fronteiras dialetais indetermináveis, chamado 'língua', deva ser a essência da linguagem. Para Pinker/Chomsky, as línguas são apenas produtos, resultados históricos e superficiais da poderosa faculdade da linguagem, da inscrição genética que caracteriza um módulo especializado do cérebro humano. Dentro desse quadro, a lingüística, enquanto um ramo das ciências naturais, cabe sair do descritivismo de línguas particulares para a explanação do estado inicial, da gramática universal, da base comum ao complexo cérebro-mente próprio do ser humano. Já há, para Pinker, uma alternativa sólida, inclusive em psicologia, para o MPCS, cuja falta de resultados mais expressivos é a própria causa mais forte de sua decadência. Trata-se do que tem sido denominado 'Psicologia Evolutiva', a medida que se caracteriza como uma disciplina que, finalmente, se integra, junto com a antropologia mais moderna, ao reino das ciências naturais. Para a psicologia evolutiva, dentro dessa concepção que reúne neurocientistas como David Marr e M. Gazzaniga, antropólogos como D. Sperber e D. Symons e lingüistas como Jackendoff, aprendizagem não existe sem algum mecanismo inato que a possibilite, e esse estado inicial, pressuposto necessariamente, é o que realmente passa a ser relevante para a investigação da complexa cognição humana.

" *The Language Instinct* ", obviamente, apresenta uma pesada rede de evidências para sustentar as teses fortes de Pinker. Tal como Chomsky adverte, a contra-exemplificação às hipóteses de uma gramática universal, ou instinto da linguagem, como diz Pinker, não pode ser reduzida a reflexões argumentativas ou especulações metafísicas. Trata-se de uma hipótese dentro das ciências naturais, que deve ser refutável sob o peso de evidências empíricas respeitáveis, e, preferentemente, que estejam ancoradas em hipóteses alternativas de mesmo nível explanatório. Caso contrário, pode ser indício, apenas, de fé injustificada no MPCS ou de ceticismo típico de alguma bem conhecida origem filosófica.